

# HAN, Byung-Chul. A crise da narração. Tradução: Daniel Guilhermino. Petrópolis: Editora Vozes, 2023. 133 p.

Rosekeyla de Araújo Costa  

rosekeyla.costa@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, é conhecido por autoria de obras que promovem uma reflexão crítica sobre sociedade contemporânea, tecnologia, psicopolítica e cultura. Han, sob influência de sua formação europeia, foi influenciado por pensadores como Nietzsche e Baudrillard e, também, pelos filósofos Heidegger e Foucault.

Na obra *A crise da narração* (2023), Han nos incentiva a analisar como a sociedade contemporânea vem lidando (elaborando ou compreendendo) as histórias narradas. O autor faz críticas à forma como as narrativas, na era digital, intensificam a autopromoção, a cultura da instantaneidade e fragmentação do mundo, esse contexto estimula o usuário a relacionar-se somente com seu ego e isola-se do contato com o outro e do mundo agravando a crise da narração. Segundo o filósofo, as pessoas são estimuladas, por um mercado neoliberal, a produzirem, de forma superficial, histórias pessoais e acabam transformando as narrativas em mercadorias.


Assim como em *Sociedade da transparência* (2017), *No enxame* (2018) e *Sociedade do cansaço* (2015), Han (2023) continua refletindo e questionan-

### FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 15/06/2024

Aprovação do trabalho: 11/09/2024

Publicação do trabalho: 27/03/2025

 10.46230/lef.v16i3.13329

### COMO CITAR

HAN, Byung-Chul. A crise da narração. Traduzido por Daniel Guilhermino. Petrópolis: Editora Vozes, 2023. Resenha de: COSTA, Rosekeyla de Araújo. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.3, 2024. p. 418-423. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13329>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

do a relação da sociedade contemporânea com o meio digital. “Claramente, encontramos-nos hoje novamente em uma crise, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável” (Han, 2018 p.26). Na obra em estudo, dividida em dez capítulos, o autor analisa as consequências da era pós-narrativa e tenta alertar para o fato que as pessoas estão perdendo a capacidade de narrar histórias significativas: “Atualmente, fala-se muito em narrativas. Paradoxalmente, o uso inflacionário de narrativas revela uma crise narrativa” (Han, 2023, p.9).

Byung-Chul Han (2023) nos convida no primeiro capítulo, *Da narração à informação*, a avaliar como o excesso de informações disponibilizado pela cultura digital mudou a relação entre o texto e o leitor. O leitor na era digital não faz mais uma leitura calma e lenta, ao contrário ele “[...] pula de uma notícia a outra em vez de deixar seu olhar vaguear à distância” (Han, 2023, p.17). A discussão é pautada, inicialmente, em um paralelo entre notícia e informação. Conforme o filósofo, diferente da notícia, a informação se caracteriza por uma ausência de afastamento, por deixar tudo disponível e por apresentar um efeito momentâneo. O “tsunami de informação” (Han, 2023, p. 26) hiper estimula a percepção das pessoas, fragmentando a atenção. A crise da narrativa na era moderna ocorre pelo excesso e difusão de informações, o que torna a comunicação “mais controlada de fora para dentro” (Han, 2023, p. 28).

Na parte seguinte denominada *Pobreza de experiência*, o filósofo apresenta sua tese central relacionando o declive da narração à mercantilização das experiências que valorizam o imediatismo. Baseado no ensaio de Benjamin, segue suas reflexões sobre o declínio da narrativa: “A sociedade está ficando cada vez mais pobre em experiências transmissíveis [...]” (Han, 2023, p.32). Essa pobreza representa o surgimento de um novo bárbaro que deseja se libertar de toda experiência, que busca a transparência e a falta de mistério. Para o autor, “a modernidade tardia não tem mais o *pathos* revolucionário” (Han, 2023, p.39), nem o espírito de ruptura. Sem esse anseio transformador, as pessoas se tornam desprovidas de aura; seguem sem história e entregam-se “[...] à conveniência e ao *like*” (Han, 2023, p.40).

O terceiro capítulo da obra, *A vida narrada*, pode ser visto como uma extensão das reflexões de Han na obra *No Enxame* (2018), em que o autor discute as

---

1 Termo usado para descrever interlocutores que não demonstram emoções diante de informações, que têm acesso; que não têm o espírito questionador e transformador diante do que lhes é apresentado.

implicações das redes sociais na comunicação humana. Apesar de refletir sobre a conexão entre passado e presente, o filósofo afirma que a felicidade será alcançada quando o passado atuar sobre o presente: “Quando tudo nos lança em um frenesi de atualidade, quando estamos no meio da tempestade de contingência, somos infelizes.” (Han, 2023, p.44).

O autor pondera como a enxurrada de informações pode influenciar a forma de ser e de construir história. O *phonosapiens*<sup>2</sup> se deixa levar pela realidade momentânea: os *stories* são exemplos de fragmentação da temporalidade, exibem narrações sem autenticidade. As plataformas digitais têm interesse na extração dos dados dos usuários, assim, os celulares se tornaram um panóptico digital<sup>3</sup>. Para o autor, esses dados representam apenas números, não revelam nada de significativo. “Somente a narração nos ajuda a ter autoconhecimento: eu tenho que narrar a mim mesmo” (Han, 2023, p.55), nesse viés, cabe somente ao eu assumir o controle de sua existência e construção de sua história.

Na parte quatro, *A vida desnuda*, o autor parte do enredo da obra *Náusea*, de Sartre, para compreender o verdadeiro sentido do mundo. Depois de ser acometido por uma náusea, Roquetin, protagonista da obra, perde todo o significado do mundo. O personagem descobre que a narrativa de histórias é o meio de recobrar o sentido do mundo. A partir desse contexto, Han defende que “a narrativa estrutura o mundo de forma rítmica” (Han, 2023, p. 64), já o excesso de informações desnuda e desmantela a vida. Isso se agrava na modernidade digital tardia, em que “A crise de hoje não é mais viver ou narrar, mas viver ou postar [...]” (Han, 2023, p. 67). As pessoas estão presas em uma teia – postar, curtir e compartilhar – que, na verdade, encobre uma vida esvaziada de sentido. O autor, dessa forma, faz menção que a ausência de histórias pode estimular a superficialidade das experiências humanas.

Byung-Chul Han, continua sua crítica ao excesso de informação disponibilizado na sociedade digital tardia, ideia já discutida em *Sociedade da transparência* (2017). Nessa obra, o autor já afirmava que “mais informações e mais comunicação não clarificam o mundo” (Han, 2017, p. 96). Assim, no capítulo se-

2 Indivíduo sempre conectado a atividades relacionadas ao seu *smartphone*.

3 Segundo Pires (2024) Han usa o termo Panóptico conforme Bentham e Foucault. De acordo com Pires (2024), Bentham define panóptico como “aquele que tudo vê” (Pires, 2024, p. 27). Para Foucault, o termo representa um poder de vigilância como meio de castigo e controle. Para Han (2023) o panóptico digital faz referência ao monitoramento e controle de informações, exercidos pelas plataformas digitais, relacionadas aos usuários de dispositivos digitais.

guinte *Desencantamento do mundo*, o autor considera que a relação com o mundo reduzida à causalidade é o motivo desse desencantamento. Isso torna as relações mais pobres de experiências e atrofia a experiência mágica típica da narrativa. Ainda apoiado em Benjamin, Han defende que até mesmo as crianças, que poderiam resgatar essa magia, foram transformadas em seres digitais e, também, perderam seu brilho. As informações, conforme o filósofo, induzem as pessoas à perda do seu olhar, anulando assim o olhar do outro. Isso “desaturatiza” e desencanta o mundo. No desfecho do capítulo, o autor afirma que a transparência propicia o desencantamento do mundo quando o reduz a informações, pois elas arrancam o mistério e o encantamento típicos da narrativa.

No sexto capítulo, *Do choque ao like*, Han continua suas considerações em torno da perda da aura. De início, o autor afirma que: “A realidade vai se impondo ao espectador de forma intermitente [...]” (Han, 2023, p. 92). Ele é submetido a estímulos que podem representar perigos, um “choque” (Han, 2023, p.93). O escritor, baseado em Freud, defende que é necessário um grau de consciência elevado para blindar o choque que esses estímulos desencadeiam. Se a consciência é ativada a contento, esses choques são atenuados e tornam-se vivências. Han alerta que, na modernidade, as experiências e vivências estão comprometidas: “Percebemos a realidade quase que exclusivamente por meio da tela digital” (Han, 2023, p.95), a relação das pessoas com o *smartphone* suprimiu o contato com outro, o choque foi substituído pelo *like*, que acelera o narcisismo, a instantaneidade do momento e a superficialidade.

No capítulo intitulado *Teoria da narração*, o leitor é conduzido a refletir que, apesar de empresas como o Google controlarem os dados e conseguirem prever o comportamento humano, a teoria da narração permite que se alcance a verdadeira compreensão do homem. Os dados apenas apontam correlações entre coisas e comportamentos. As narrativas, ao contrário, explicam as coisas e os comportamentos ocorrem de tal modo. Cada vez mais, a capacidade de narrar é enfraquecida pela enxurrada de dados e informações. Daí a necessidade de elaborar teorias para tentar driblar a crise da narrativa: “Somente na medida em que a teoria é uma narrativa é que ela também pode ser uma paixão. A inteligência artificial não pode pensar, porque não pode se apaixonar” (Han, 2023, p.109).

O tópico 8, *Narração como cura*, aborda como a narrativa de histórias pode curar enfermos, “[...] na medida que proporciona um relaxamento e cria um senso de confiança básico” (Han, 2023, p.111) e pode, também, ajudar na superação de crises. Na sociedade digital tardia, apesar do *storytelling*, as pessoas não

têm mais tempo e paciência para a escuta atenta e contemplativa de histórias; como consequência disso, o toque e o contato com o outro vêm se perdendo, desgastando-se. Para o autor, “pobreza de contato em última instância significa pobreza de mundo.” (Han, 2023, p.119). Essa pobreza se agrava devido à digitalização: o smartphone cria a ilusão de conectividade de disponibilidade total; os *stories* só anunciam e comercializam imagens ilusórias das pessoas; a busca por atenção torna as pessoas reféns do seu ego. Esse contexto intensifica, cada vez mais, o isolamento e agrava a crise da narrativa.

Na nona parte, *Comunidade narrativa*, Han, ancorado em Peter Nadás, defende que a “[...] comunidade narrativa é uma comunidade sem comunicação” (Han, 2023, p. 121), essa ausência ocasionou o silêncio e a harmonia na comunidade de Nadás. Paradoxalmente, nas sociedades contemporâneas, a grande massa de informação e a comunicação excessiva ocasiona o “barulho da comunicação”, perdemos a “contemplação ritual” das histórias narradas (Han, 2023, p. 122). O comércio monopolizou as narrativas: “As narrativas neoliberais desestabilizam a sociedade ao isolar as pessoas” (Han, 2023, p. 123). O *storyselling* superou o *storytelling* e transformou as narrativas em mercadorias com o intuito de promover a autoestima das pessoas. Nesse viés, o autor compreende que as pessoas se isolam ainda mais das comunidades e se relacionam apenas com seu ego.

O último capítulo do livro, *Storyselling*, Han continua a refletir como as narrativas se tornaram uma mercadoria (*storyselling*) e como esse cenário agrava a crise da narrativa. Primeiramente, o autor afirma que o *storytelling* transmite, de forma ilusória, o retorno da narrativa, quando, na verdade, seu intuito é “instrumentalizar e comercializar as narrativas” (Han, 2023, p. 129). O filósofo, ainda, analisa como o capitalismo usa as narrativas para controlar as emoções e, dessa forma, ludibriar o “controle consciente” e a “reflexão crítica” das pessoas. Das diversas áreas que exploram o *storytelling*, a política se destaca por usar essa técnica como um meio eficaz para conquistar o “objetivo é apelar não ao entendimento, mas às emoções” (Han, 2023, p. 132). Na conclusão de sua obra, Han arremata que para o *storytelling* o que importa é o consumo e isso não nos permite enxergar “[...] outras narrações, outros modos de vida, outras percepções e realidades” (Han, 2023, p.133).

Diante dos diversos desafios impostos pela diversidade de informações a que temos acesso constantemente, Byung-Chul Han avalia como a sociedade contemporânea, cada vez mais mediada pelas mídias digitais, está perdendo a faculdade natural de elaborar e apreciar narrativas significativas. O autor consi-

dera que a busca incessante por reconhecimento, por validação e por autopromoção acarreta a perda da empatia, da relação e da compreensão dos outros, esse contexto promove uma sociedade, cada vez mais, alienada e isolada. Em última instância, a obra *A Crise da Narração* proporciona investigações e reflexões significativas sobre os perigos e os desafios que a narrativa enfrenta na sociedade digital tardia.

## Referências

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No exame, perspectiva do digital**. Traduzido por Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Traduzido por Daniel Guilhermino. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

PIRES, Thaís da Silva. **Psicopolítica da informação**: reflexo sobre o panóptico digital na Filosofia de Byung-Chul Han. 2024. 48f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em biblioteconomia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/274213>. Acesso em: 11 set. 2024.

## Sobre a autora

**Rosekeyla de Araújo Costa** - Mestre em Linguística. Discente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (Uece); Fortaleza-CE. E-mail: [rosekeyla.costa@aluno.uece.br](mailto:rosekeyla.costa@aluno.uece.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/837309706565611>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0001-8318-2190>.